O gorro e o fio do gesto invisível – Entre maternidade, memória e fabulação

The beanie and the thread of the invisible gesture: motherhood, memory, and fabulation

Luciana Lopes Rocha[1]

Resumo

O texto apresenta uma narrativa que articula experiências pessoais e familiares a partir da perspectiva da maternagem. A reflexão se desenvolve em diálogo com as provocações da disciplina *Reescrituras Cênicas e a Crítica da Violência Ética em Contar-se a Si Mesmo*, ministrada pela professora Martha Ribeiro no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da ECO/UFRJ, bem como com o pensamento de Judith Butler, especialmente a partir da obra *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. A partir da fabulação de um gorro tecido pela mãe para o nascimento da autora e posteriormente herdado por seu filho, o texto desloca o eu para uma zona relacional e opaca, na qual memória, matéria, gesto e afeto se entrelaçam, constituindo o objeto como um arquivo sensível atravessado por gerações. Em diálogo com a poética de Manoel de Barros e com práticas somáticas e conceitos do Sistema Laban/Bartenieff, a escrita incorpora objetos cotidianos e noções de peso, tempo, espaço e fluxo como operadores também da linguagem, friccionando normativas de perfeição atribuídas à maternidade. Ao evidenciar fissuras, vulnerabilidades e contradições, o texto afirma as maternidades como experiências plurais, inacabadas e politicamente atravessadas pelo cuidado, entendido como força fundadora da memória, do espaço e da própria possibilidade de narrar.

Palavras-chave: Maternagem; Cuidado; Memória; Fabulação; Compostagem.

Abstract

This text presents an essayistic narrative that weaves personal and family experiences through the lens of mothering. This reflection is developed in dialogue with the discussions and critical inquiries fostered in the course *Scenic Rewritings and the Critique of Ethical Violence in Giving an Account of Oneself*, offered in the Graduate Program in Performing Arts at the School of Communication (ECO), Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), and taught by Professor Martha Ribeiro. It is also informed by Judith Butler's work, particularly *Giving an Account of Oneself*. Drawing on a fabulatory approach, the narrative is articulated from the voice of a knitted hat passed down across generations,

[1] Doutoranda em Artes da Cena ECO/ UFRJ. Mestre em Ciência da Arte/ UFF, pós-graduada em Arte Cultura e Sociedade/ UVA e em Sistema Laban/Bartenieff/ FAV. Bacharel em Dança/ UFRJ e licenciada em Artes/ Dança. Docente do Curso Técnico em Dança integrado/ ETEAB -FAETEC desde 2011, atualmente também atuando como coordenadora técnica. Atriz-bailarina da Cia de Atores Bailarinos Adolpho Bloch, dirigida por Rosane Campello, desde sua origem em 1999. Pesquisadora, diretora de movimento e preparadora corporal. Membro da Comissão Artística de Dança Contemporânea do Sindicato dos Profissionais da Dança do Rio de Janeiro. E-mail: lucianacarnout@gmail.com.

which becomes a sensitive archive of memory, care, and relational gestures. By displacing the autobiographical "I" into a relational and opaque zone, the writing explores how memory, materiality, and affect intertwine, revealing mothering as a plural, unfinished, and historically situated experience. The text also engages concepts from somatic practices and movement studies, allowing notions such as weight, time, space, and flow to operate not only in relation to the body but also as structuring principles of the writing itself. Through this process, the narrative exposes tensions, vulnerabilities, and contradictions embedded in normative ideals of maternal perfection, while affirming care as a political and affective force that sustains memory, space, and the very possibility of narration.
Keywords: Mothering; Care; Memory; Fabulation; Composting.

Este texto nasce do desejo de narrar experiências pessoais e familiares sob a ótica da maternagem, a partir das provocações propostas pela professora Martha Ribeiro na disciplina *Reescrituras Cênicas e a Crítica da Violência Ética em Contar-se a Si Mesmo*, do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da ECO/UFRJ. Ao longo do curso, o conjunto de pesquisadoras e pesquisadores pôde desenvolver suas escritas a partir da noção de compostagem, formulada por Donna Haraway. Nesse processo, leituras e referências circulam entre o grupo, atravessando-se mutuamente e sendo incorporadas, transformadas e retrabalhadas nas produções individuais de cada participante.

Em diálogo com Judith Butler, especialmente a partir de *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética* (2017), o texto aqui proposto – situado no campo de uma pesquisa fabulatória – entrecruza vozes, gestos, histórias e presenças por mim vividas ou observadas, compondo uma narrativa que emerge de um eu-gorro, convocado pela interpelação de mulheres, objetos, memórias e afetos.

É desse lugar que o gorro passa a falar: como corpo atravessado por mãos, cheiros, quedas, silêncios e gestos herdados. Ao assumir sua voz, a narrativa desloca o eu para uma zona de opacidade e relação, onde memória e matéria se confundem. O gorro não narra apenas o que viu, mas aquilo que o tocou, o moveu e o deixou incompleto – palavra que nasce do chamado das mulheres que o teceram, dos corpos que o vestiram, dos espaços que o acolheram ou perderam.

Tal gorro, agente central dessa experiência fabulatória e inspiração para a criação deste texto, foi tecido por minha mãe para o meu nascimento e, mais tarde, passado para meu filho, atravessando gerações como um objeto carregado de memória, cuidado e continuidade. Nesse deslocamento entre corpos, o gorro se torna um arquivo sensível,

inscrevendo na sua trama gestos afetivos atravessados por ambiências e papéis que se transformam ao longo do tempo – de filha a mãe, de mãe a avó, de corpo acolhido a corpo que acolhe.

Em tessitura com as poéticas de Manoel de Barros e sua atenção às coisas pequenas, aos restos, "aos objetos desimportantes", a narração do gorro busca mobilizar experiências de maternidade e ancestralidade como forças convocadas e dimensionadas por normativas que constroem a cobrança de um estado de "perfeição" – seja lá o que isso signifique – atribuído à figura materna e à mulher que ocupa esse lugar. Ao narrar tais vivências, o texto revela, a partir de uma perspectiva situada, suas fissuras, contradições e vulnerabilidades, afirmando as maternidades como experiências plurais, complexas e inacabadas.

A escrita fricciona ainda conceitos e aspectos oriundos das práticas de movimento experienciadas no Sistema Laban/Bartenieff – fatores peso, tempo, espaço e fluxo e conceitos oriundos das práticas somáticas – pensados em livre associação com os objetos trazidos pelas colegas de turma convidados a participar da composição narrativa. Ao serem acionados em diálogo com tampas, livros, páginas, caixas e bonecas, esses conceitos deixam de operar apenas no campo do movimento corporal e passam a estruturar também a própria escrita, compondo uma proposta em que gesto, palavra, objeto se contaminam mutuamente.

A presença das mulheres – mães, avós, mãos que organizam, dobram, sustentam e tecem – inscreve a interpelação em uma dimensão política e afetiva. O cuidado, frequentemente invisibilizado, emerge como força fundadora do espaço, da memória e da própria possibilidade de narrar como um exercício de responsabilidade relacional: uma forma de permanecer em escuta e resistência diante daquilo que nos constitui, nos excede e, silenciosamente, continua nos tecendo.

O gorro e o fio do gesto invisível - Entre maternidade, memória e fabulação

Nasci primeiro como fio. Um fio vermelho, solto, enrolado na palma da mão de uma mulher que sonhava enquanto tricotava. Uma mulher cheia de outras mulheres, que carregava no gesto das mãos os sussurros das que vieram antes dela.

Antes de ser gorro fui linha que serpenteava entre agulhas, fui imaginação, fui desejo de existência. A cada ponto, um cuidado, o silêncio concentrado, a força discreta de quem

inventa mundos no fiar das mãos. Cada ponto era memória, cada laçada um acordo silencioso com aquelas que lhe habitaram. O corpo da mulher se curvava levemente, um pouco por cansaço, outro tanto por escuta: o fio se encontrava com o desejo pedindo forma, tecendo em cada traço uma expectativa de concretizar a vida. Puxar, laçar, passar – repetir, refazer, desfazer. Assim se criava o tempo. Assim se fazia o afeto.

Fui crescendo devagar, aninhado entre os dedos dela, ouvindo seus pensamentos escaparem como sopros. E cada sopro trazia uma inquietude: Quanto tempo ainda falta? Será que vai esquentar o bastante? O dinheiro vai dar? Vou dar conta? E se o amor não vier do jeito que dizem?

As perguntas vinham quentes, coladas ao corpo. Misturavam-se ao fio, entravam no ponto e ficavam ali, escondidas, subentendidas, meio sufocadas, escorrendo junto com o fio. As mãos seguiam tecendo, mesmo quando os pensamentos tomavam o corpo e se enlaçavam como uma coragem miúda, presente nas existências diárias das mulheridades. Ame sem falhar – ela repetia pra si.

Ali, feito de lã e inquietações, eu sentia as angústias dessa mulher que tricotava no silêncio que empurra sonhos e culpas para dentro do peito. Ali ela reinventava o cuidado como uma rebeldia da presença.

Quando fiquei pronto, ela me olhou como quem olha para o futuro sem nome. Hesitou. O peso leve que eu tinha parecia exceder a lã, tinha um quê de destino, de presságio, de escolha (ou a ausência dela). Eu repousava em suas mãos como algo que já não lhe pertencia. E fui aprendendo meu papel no contato com suas músicas cantadas e seu gesto suado e ininterrupto que me moldava.

Primeiro aqueci a cabeça da filha. A que herdou o gorro e a insistência em ser. A que cresceu aprendendo, sem que ninguém dissesse, o tamanho exato que deveria ocupar no mundo. Que cresceu acreditando que precisava ser inteira, disponível. Não gritar. Não desafiar. Não tão doce, não tão ríspida, não tão falante, não tão quieta. Não tão ousada. Sempre ajustada, adequada.

E eu abracei sua testa e pensamentos tantas vezes: nos ventos frios, nas febres, nas tardes de choro. Aquecia sua cabeça e desejava aquecer também o mundo para ela. Eu, gorro, aprendia com seu corpo em crescimento. À medida que ela crescia, eu precisava esticar, ceder, acompanhar. Às vezes ficava pequeno demais, outras vezes largo demais. E como gorro, também me moldei.

Depois, muito tempo depois, fui para a cabeça do neto que nem sabia que usava um gorro cheio de histórias. Ele só sentia calor, o aconchego, o cheiro da casa que o embalava. Eu descia sobre sua testa leve, sem exigir medida, sem pedir contenção. No corpo dele, eu não carregava obrigação.

E as perguntas ainda estavam ali. Em cada balanço, a mãe que um dia eu aqueci, seguia quase a mesma trilha: no gesto cansado, risonho e amoroso, na tentativa de dar conta. Talvez existisse ali uma certa recusa silenciosa de desaparecimento. Eu sentia isso quando voltava às suas mãos – às vezes firmes, às vezes ansiosas.

Havia dias em que ela se afastava um pouco, respirava, deixava o frio entrar pela janela só para lembrar que também tinha corpo – com sensações, pele, sangue, líquidos próprios. E eu, gorro antigo, entendia: ela ensaiava uma outra forma de continuanças. Ainda sim, os deveres só mudaram de nome: ser inteira, produtiva, disponível, autônoma, amorosa e realizada. Mãe, mulher, saudável, fitness, empresária, do lar – tudo ao mesmo tempo agora. E a ideia que seguia firme: Amar sem falhar.

É… A culpa se reinventou, feita de braços ocupados e pensamentos em excesso. De um corpo que embala enquanto responde mensagens, que ama enquanto calcula o tempo, que cuida enquanto tenta não se perder nas urgências e demandas que disputam o mesmo colo. Tudo fora pedindo velocidade, o cuidado insistindo nas demoras. Houve dias em que ela apertava o gesto, encurtando a respiração, sem espaço para ajustes. Dias de tardes curtas, noites longas e a exaustão tinha costuras frouxas. E o corpo, sem conseguir sustentar todas as exigências ao mesmo tempo, por vezes cedia.

Em um desses dias eu caí. Rolei por um corredor extenso da casa, tocando paredes e quinas. E, sem impulso algum, parei. O espaço decidiu por mim.

Respirei e fiquei ali parado. O tempo se fazendo presente de um jeito estranho: sem correr ou dobrar.

Fiquei. Ali. Parado. Um tempo.

(silêncio)

Ali, deitado, meus olhos viram o chão.

(silêncio)

Atravessado no espaço, estendido entre móveis e sombras, sem precisar fazer, proteger ou aquecer, sobrevivendo ao esquecimento, percebi que um fio de meu corpo havia se desenrolado na queda. Talvez um cordão de um umbigo, o meu próprio.

Num ímpeto de desejo de refazimento, decidi segui-lo como uma trilha de mim mesmo. E sem saber para onde ia, fui.

Meu cordão vermelho – umbilical – começou a se alongar no espaço, desenhando um traço quase frágil. Eu acompanhei. O corredor parecia mais comprido do que de costume – talvez porque eu o atravessasse não mais como objeto levado, mas como quem escolhe. E eu avançava. Coisas também podem avançar. Do chão, o mundo parecia outro. As alturas perdiam importância. O caminho acontecia baixo, rente, onde os restos ficam, onde ninguém olha.

Encontrei no caminho do corredor uma tampa de garrafa laranja. Estava caída de lado. O peso da sua queda acenava para as celebrações dos nascimentos – o estalo seco e leve ao girar, a risada forte, a queda brusca no chão. *Foi aqui que tudo começou*, ela dizia sem dizer. O mundo denso e forte se espremendo para caber no corpo pequeno e leve do recém-chegado.

A tampa concentrava o peso daqueles inícios: a casa que muda de eixo, os móveis deslocados levemente e com cuidado, as mamadas de hora em hora, o corpo da mãe frouxo e alerta às exigências súbitas.

- *Não dava para segurar tudo*, a tampa parecia admitir. *Eu tinha que cair.*

Pensei o mesmo sobre mim. Há começos que pedem queda. Agora, ali no corredor, assim como eu, ela parecia descansar do próprio esforço. Não fechava nada. Apenas permanecia, liberada da função.

Fiquei mais um instante. O peso assentava. – *Começar cansa, celebrar também.* – pensei.

A tampa permaneceu no chão, testemunha do início. E eu segui na tentativa de me juntar. Entre o reflexo no chão e a porta do quarto, meu fio mostrava um caminho. Logo em frente, percebi uma fumaça. Um cheiro de memória se espalhava vindo de um frasco de talco. Nele, as imagens dos banhos dos bebês, das mãos que secavam com cuidado a pele frágil. O ser talco falava de um outro tempo… lento, de tardes claras, de ciclos intermináveis, espiralados. O tempo do corpo ainda quente e o mundo desacelerando à força. Um tempo esticado, de repetição: abrir, espalhar, fechar. Abrir, espalhar, fechar conduzindo a um outro ciclo: alimentar, ninar, limpar cocô. Alimentar, ninar, limpar cocô.

Devagar, ele parecia dizer: *Aqui o relógio não manda*.

A mãe sabia disso. Protegia do frio, da assadura, do mundo, enquanto o tempo escorria lento entre seus dedos. Um gesto-permanência repetido tantas vezes até o dia de sumir entre dentes nascidos, primeiras palavras e passos desengonçados.

Fiquei ali respirando o cheiro daquele tempo esgarçado no meio da fumaça desdobrada no ar. Tempo que se demorava nos cheiros dos banhos dados, da bênção da avó que não está mais, dos pés que o dia inteiro andaram de um lado pro outro embalando e cuidando.

Inebriado pela fumaça de tempo, segui o rastro do meu umbigo-fio em direção à porta com o cheiro de memória ainda colado no corpo. Foi então que ouvi uma risada alta, gostosa e vi um livro aberto no canto da parede. Um livro-brinquedo. Curioso, tive um impulso de tocá-lo. Que palavras, imagens, retratos, histórias caberiam naquele retângulo de capa colorida? Estiquei-me em direção a ele quando uma ventania rompeu a casa e espalhou suas folhas por todo corredor. As memórias flutuavam indiretamente pelo espaço e eu ali, num volume vazio, sentia o vento passar por cima de mim, sem me levar. Parecia que aquelas histórias eram minhas. Será que não?

As páginas voaram, cada uma apontando uma direção possível. O corredor, antes linha reta, virou campo de deriva. O espaço se alargou em desvios, redemoinhos, retornos, caminhos indiretos. As folhas pousaram longe, perto, em cima, embaixo – e cada pouso virava lugar de chegada. O livro já não estava inteiro, mas o espaço estava cheio de histórias. O espaço, agora, pedia escolha.

Levado por um resto de vento que insistia, tomei coragem e comecei a tentar juntar as folhas com meu fio solto. As folhas iam se reconfigurando no voo, tomando outras formas… aviões, passarinhos, foguetes. As formas carregadas de quintais inventados, quartos divididos, joelhos ralados, tardes longas. Todas contando lembranças cuidadosamente dobradas pelas mãos que aprenderam a organizar o espaço detalhadamente para que outros coubessem. Em cada avião, uma fuga sonhada; em cada passarinho, um desejo de voo; em cada foguete, a vontade de ir além. Algumas páginas tinham manchas, rasgos, pedaços. Enxerguei também algumas folhas em branco. O espaço e a memória feitos do não dito, não olhado. O espaço sem palavra e, mesmo assim, transbordante.

Fiquei ali tentando ler o que não se via, escutar a não palavra. O alvoroçar do pensamento junto com as folhas me deslocou do espaço. Ainda tinha um fio-umbigo pra

juntar. E continuei indo atrás dele até me deparar com uma imensidão de caixas. Uma montanha delas. Grandes, pequenas, quadradas, amassadas, desbotadas, improvisadas. Todas em tons de marrom, de papelão. Algumas pareciam firmes e outras frágeis demais, prestes a ceder ao menor toque.

– *Quem colocou vocês aqui?* – falei sem esperar resposta.

Olhei devagar e reparei que as caixas tinham marcas de mãos. As mãos que organizaram, empilharam, limparam, empurraram de um canto ao outro da casa ao longo dos anos. O papelão guardava marcas de uma logística silenciosa, complexa. Dobras refeitas, cantos reforçados com fita, nomes escritos e apagados. Um fluxo quase coreográfico e invisível.

Em meio àquele monte de caixas, uma delas chamou minha atenção. Quando a abri, me encantei. Uma boneca linda, vibrante e de aura solar veio em minha direção, voando sobre seus patins. Ela parecia ocupar todos os espaços do corredor e passou rodopiando, com seu manto de cores e penas tremulando como bandeira de festa. Chegou correndo, saltando, dançando, gargalhando – e sua risada parecia desmontar paredes, abrir janelas, expandir moveres e passagens. Cada giro seu redesenhava espaços, provocava possibilidades, expandia fronteiras. Tudo nela era fluxo… livre, ininterrupto, solto.

No corredor-palco, dancei com ela. Dancei histórias, feituras e desfeituras de fios e nós, de traçados destruídos, de teceduras cortadas. Dancei como quem volta a caber no próprio corpo tecido pelos sonhos fiados e desfiados das maternagens que me compuseram. Dancei como quem recupera a infância, no mundo das invenções, no tempo de outros mundos e futuros possíveis. Dancei como quem reata o fio do cuidado, do desejo, da imaginação feita corpo.

E, por um instante, fui bebê outra vez. (silêncio)

Isabelita segurou minha mão e giramos. E naquele giro, todas as memórias giravam junto em fluxo contínuo. Memórias em estado de dança, de poesia encorpada, de reverberação. Eu, um gorro-relicário de mulheres que dançavam comigo, um arquivo de cuidado que atravessava gerações, segui o meu próprio fio com Isabelita deslizando pelo chão que guardava as caixas, camadas de tempo. Cada caixa que tocávamos parecia abrir um pequeno portal: memórias de corpos que riram, de silêncios que se estenderam como sombras suaves. Fotografias, retalhos de roupas, papéis com desenhos quase apagados,

notas de mercado, chaves antigas. Pedaços de tempo e espaço que se integravam e se acumulavam naquelas caixas e, de alguma maneira, também em mim.

Ali, entre caixas, memórias e esquecimentos, cheguei ao final do meu fio desfeito. Percebi então que partes minhas tinham ficado no caminho, num desfiar involuntário das minhas tramas. Me deixei nos encontros. Cheguei espalhado, reverberado nos corpos que me encontraram.

Subitamente percebi uma mãozinha quente, pequena e suave me segurando. O neto me encontrou ali, desfeito, refeito em outra forma. Me segurou e apertou como um ursinho de pelúcia, me reconhecendo antigo abrigo. E naquele pequeno abraço imenso, deixei-me carregar.

Lá vamos nós de novo.

Referências da disciplina

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. Introdução de Juliana Fausto. Posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Martha. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 49 – 72, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41744. Acesso em: 07 mar. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Referências específicas deste texto

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BARROS, Manoel de. **Livro de pré-coisas**. Rio de Janeiro: Record, 1985.

FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento**: o Sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em dança. São Paulo: Annablume, 2006.

Submetido em: 18 mar. 2026
Aprovado em: 3 ago. 2026